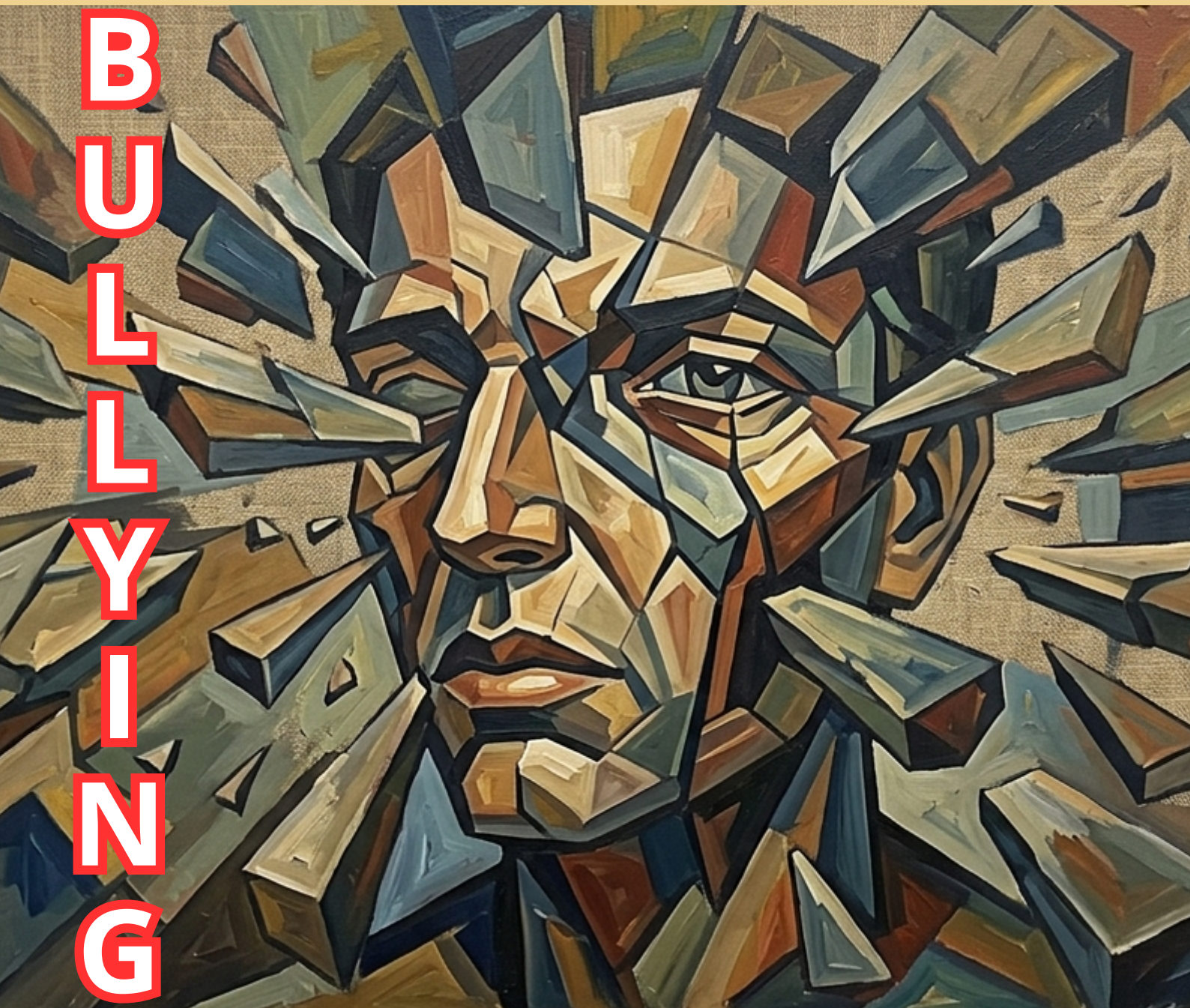


Revista *Amazônia Jovem*

**B
U
L
L
Y
I
N
G**



desafios e soluções



Aludel Editora

ISSN: 2965-7288

ISBN: 978-65-83527-39-4

Fevereiro de 2026

Revista Amazônia Jovem

© 2026, *copyright* desta edição reservado à **Aludel Editora**.

Conselho Editorial

Alan Flor

Dalva Iloana

Glenda Duarte

Thiago Silva da Costa

10ª edição

Revisão de Aline Muniz

Digitação Equipe Aludel Editora

COSTA, Thiago Silva da. [Editor e Organizador]

Revista Amazônia Jovem:

Bullying: desafios e soluções.

Belém, Pa: Aludel Editora, Fevereiro de 2026.

CNPJ: 54.649.941/0001 - 80

ISSN: 2965-7288

ISBN: 978-65-83527-39-4

Revista Amazônia Jovem

Apresentação	4
[Thiago Costa]	
A cultura de paz e o combate ao bullying	5
[Suellen Silva]	
Arquitetura e convivência: como o espaço pode combater o bullying	6
[Brauler Braulino]	
A criança queer e o bullying	8
[Alan Flor]	
O que é o bullying e como combatê-lo?	11
[Ana Clara Tavares Cavalcante Soares]	
O que se entende sobre bullying	12
[Ana Sophia dos Santos Santiago]	
O bullying e suas características	13
[Andrew Augusto Leão dos Santos]	
O bullying no cotidiano	14
[Carla Christina Saraiva Farias]	
Bullying: entender para combater	15
[Evan Rafael de Souza Dias]	
O Bullying e suas fases	16
[Giovanna Paixão Farias]	
A dor invisível	17
[Heloisa Silva Nogueira]	
O que é o bullying?	18
[Isaac Willian de Carvalho Quaresma]	
Entendendo o bullying: da escola ao ambiente digital	19
[Kayke Gabriel Gomes de Souza Pereira]	
Bullying: identificar para denunciar	20
[Ketleen Dayane Almeida]	
Identidade e resistência: o racismo sob a ótica de uma jovem brasileira	21
[Lucianna Larcuyeira Santos]	
Até quando vão romantizar isso?	22
[Maria Vitória de Lima Soares]	
Bullying Social	23
[Noelly Kleanny]	
Educação e respeito: o caminho para vencer o bullying	24
[Rikellme Angelo Antunes Barros]	

S
u
m
á
r
i
o

Revista Amazônia Jovem

Apresentação

Entendemos que a escola deve ser um espaço privilegiado no qual ocorre a convivência humana baseada no diálogo e no respeito à diversidade. Sendo um local de produção do saber e de interação social, a escola torna-se fundamental na formação do cidadão.

Trazer aos nossos jovens o debate a respeito do bullying foi essencial para identificarmos as situações cotidianas vivenciadas por cada um deles, compreendermos a forma como se sentem e o contexto da vulnerabilidade no qual estão inseridos.

A escrita deles revelou que este tema é urgente para a construção de uma sociedade melhor e que o ambiente escolar deve garantir que esses jovens se sintam acolhidos e motivados ao aprendizado. Para que isso aconteça, eles devem se sentir seguros e valorizados em suas visões de mundo.

Nesse sentido, a REVISTA AMAZÔNIA JOVEM tem cada vez mais se tornado um instrumento pedagógico a serviço da verdadeira cidadania que, por sua vez, reside na criação de contextos de expressão livre e que permitam que o indivíduo possa pensar a sua realidade e, de algum modo, transformá-la para melhor.

O trabalho com essa temática permitiu que esses jovens da escola pública realizassem diversos debates em sala de aula e propusessem soluções para os desafios impostos pela prática do bullying.

Engajados na explicação das causas e na descoberta de soluções viáveis para combater o bullying e suas nefandas consequências, esses estudantes sentiram-se protagonistas no processo educacional. Em uma atmosfera de diálogo, os nossos jovens escritores tiveram a oportunidade de reconhecer o bullying no espaço escolar ou no mundo digital e desenvolver uma postura de responsabilidade no enfrentamento. Esperamos que a atual edição possa continuar inspirando a reflexão de nossos jovens e motivar posturas construtivas na cultura de paz. Boa leitura!

Thiago Costa



THIAGO SILVA DA COSTA é professor, escritor, músico e editor fundador da Editora Aludel.

Revista Amazônia Jovem

A cultura de paz e o combate ao bullying

se envolvessem na atividade, de maneira prática, com o intuito de conceder protagonismo àqueles que são os mais afetados pela intimidação sistemática: os alunos. O cenário a se observar nesse trabalho – e em tantos outros possíveis de executar – é a busca pela construção de uma conscientização no que tange aos direitos humanos como pertencentes também aos jovens, posto que são indivíduos em formação e responsáveis por conduzir a sociedade a um processo de constantes melhoramentos. À escola, cabe a missão de discutir, refletir e propagar a cultura de paz, de modo que fenômenos como o bullying se dissipem aos poucos e deem espaço ao respeito ao outro.

Suellen Silvia Oliveira



SUELLEN SILVIA OLIVEIRA nasceu em Vigia de Nazaré, Pará, em 1985. É graduada em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa (2004-2008) e em Direito (2013-2018), pela Universidade Federal do Pará (UFPA); e pós-graduada em Educação Inclusiva (2022), pela Faculdade São Luís. Atua como professora das redes municipal (SEMEC/Belém) e estadual desde os anos de 2013 e 2020, respectivamente. A primeira formação acadêmica permitiu uma imersão no universo literário de tal forma que esse primeiro amor não pôde ser suplantado pelas agridoces experiências da vida. Sua escrita reflete as inquietações da alma, por meio de seu maior expoente: Machado de Assis. Memórias póstumas de Brás Cubas, Dom Casmurro e Ilíada (Homero) são as leituras que lhe apetece e inspiram. Ademais, é coautora do texto “Alma ingrata em ‘Almas agradecidas’”, que compõe a obra Tecituras Literárias I”, lançada pela Aludel Editora em 2024.

Bullying é um termo em língua inglesa e sem tradução específica no português. Provém de bully – “valentão” –, porém é usado para se referir à prática repetitiva de atos que, de acordo com a Lei nº 14.811/2024, consistem em “Intimidar sistematicamente, individualmente ou em grupo, mediante violência física ou psicológica, uma ou mais pessoas, de modo intencional e repetitivo, sem motivação evidente, por meio de atos de intimidação, de humilhação ou de discriminação ou de ações verbais, morais, sexuais, sociais, psicológicas, físicas, materiais ou virtuais”.

Essa prática é antiga e ainda muito comum no dia a dia de milhares de crianças e adolescentes em escolas ao redor do mundo, devido a diversos motivos, tais como competitividade excessiva, intolerância e desrespeito às diferenças, fatores que, por vezes, ocasionam atitudes vexatórias e persecutórias, ferindo princípio básico previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9.394/1996 –, a saber: “Art. 3º. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: [...] IV - respeito à liberdade e apreço à tolerância”.

Para fins de uma concepção mais humanizada no âmbito educacional e, conseqüentemente, na sociedade em geral, é salutar enfatizar em sala de aula questões que abordem a temática dos direitos humanos para mediar tensões e induzir a uma cultura de paz, por meio de uma abordagem focada em conceitos como empatia, alteridade e tolerância. Cabe à escola discutir e refletir acerca do bullying, a fim de auxiliar na formação de cidadãos atentos aos seus direitos e deveres, mas também aos que abrangem aos outros. Ante esse papel enquanto educadora, o projeto “Eu digo NÃO ao bullying” foi desenvolvido em uma escola pública, no bairro da Marambaia, usando para tanto múltiplas linguagens, como vídeos, fotografias, desenhos, poesias, redações, dentre outras, fazendo, assim, com que vários estudantes

Revista Amazônia Jovem

Arquitetura e convivência: como o espaço pode combater o bullying

A arquitetura é a arte do cotidiano. Não apenas a visitamos, nós a habitamos. Longe de ser neutra, ela orienta comportamentos, aproxima ou afasta, acolhe ou exclui. Se no passado os espaços muitas vezes separavam e hierarquizavam, hoje somos chamados a projetar ambientes que integrem e incluam. Nesse contexto, discutir o bullying nas escolas exige olhar para além do comportamento individual, analisando o ambiente onde as relações acontecem. O espaço pode potencializar ou reduzir violências silenciosas. Escolas com áreas isoladas, escuras e sem convivência criam territórios onde o desrespeito cresce sem ser visto. Por outro lado, ambientes abertos, integrados e bem iluminados favorecem a presença, o cuidado e o encontro.

Não se trata apenas de abrir espaços, mas de humanizá-los. Uma arquitetura inclusiva respeita diferentes sensibilidades, acolhendo quem busca interação e quem precisa de pausa. Cores equilibradas e o uso estratégico do paisagismo — com áreas verdes que acalmam e reduzem a ansiedade — funcionam como respiros que previnem conflitos. O mobiliário também educa: quando coletivo, incentiva o diálogo e dissolve barreiras invisíveis. Há também a importância de uma vigilância que protege em vez de oprimir. Ambientes fluidos permitem que educadores acompanhem o dia a dia de forma natural, intervindo antes que o bullying se consolide. O arquiteto modernista Vilanova Artigas já explorava na FAU-USP essa ideia de espaços amplos e contínuos para estimular a convivência. Esses locais promovem a equidade, garantindo que as diferenças enriqueçam o convívio em vez de motivarem a exclusão.

Projetar uma escola é projetar relações. A arquitetura se torna necessária quando deixa de ser apenas construção e assume sua responsabilidade social. Como resumiu Artigas: “Eu quis que esta escola fosse a imagem de uma cidade, onde não houvesse portas, onde o espaço fosse contínuo e o aprendizado acontecesse no encontro das pessoas”.

Brauler Braulino



BRAULER BRAULINO é escritor, arquiteto urbanista, produtor rural e articulador institucional paraense. Atua nas áreas de literatura, pesquisa, arquitetura e desenvolvimento humano, com produções voltadas à biografia, ensaios, poesias e estudos de caráter filosófico e simbólico. Possui trajetória ligada à liderança política, coordenação de equipes e atuação partidária no Estado do Pará, além de participação em instituições de caráter cultural e iniciático. Desenvolve projetos no setor agropecuário, especialmente ligados ao mercado equino, conciliando tradição, gestão e visão estratégica. Sua atuação reúne produção intelectual, vida pública e valorização das raízes culturais e do campo.

Revista Amazônia Jovem

Memorial descritivo

ESCOLA VIVA DA CONVIVÊNCIA ARQUITETURA COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO E ENCONTRO

A PROPOSTA ENTENDE A ESCOLA COMO UM ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA, ONDE A ARQUITETURA ATUA COMO MEDIADORA DAS RELAÇÕES HUMANAS, PROMOVENDO INTEGRAÇÃO, PERTENCIMENTO E REDUÇÃO DE CONFLITOS SOCIAIS



VISTA GERAL DO CONJUNTO - ORGANIZAÇÃO EM TORNO DO VAZIO



PARTIDO ARQUITETÔNICO
(VAZIO CENTRAL)



FLUXO DE CIRCULAÇÃO



VISIBILIDADE
(VIGILÂNCIA NATURAL)



INCLUSÃO E ACESSIBILIDADE



PAISAGISMO TERAPEUTICO



ORGANIZAÇÃO ESPACIAL INTEGRADA E CIRCULAÇÃO CONTÍNUA



CORTE LONGITUDINAL

CONTINUIDADE ESPACIAL E RELAÇÃO COM O PAISAGISMO



ELEVÇÃO / FACHADA

MATERIALIDADE E ESCALA HUMANA



Flexibilidade, conexão com a natureza e sala de aula humanizada

O PROJETO ORGANIZA-SE A PARTIR DE UM ESPAÇO CENTRAL DE CONVIVÊNCIA, PROMOVENDO FLUIDEZ, VISIBILIDADE E INTEGRAÇÃO. A PROPOSTA INCORPORA PRINCÍPIOS DE INCLUSÃO, ACESSIBILIDADE E EQUIDADE, UTILIZANDO O ESPAÇO COMO FERRAMENTA DE REDUÇÃO DE PRÁTICAS COM O BULLYING

"Eu quis que esta escola fosse a imagem de uma cidade, onde não houvesse portas, onde o espaço fosse contínuo e o aprendizado acontecesse no encontro das pessoas." — João Batista Vilanova Artigas

O projeto propõe uma escola concebida a partir da arquitetura como instrumento de convivência, inclusão e bem-estar. Organizado em torno de um espaço central integrado, o edifício prioriza a fluidez, a visibilidade e a ausência de barreiras físicas e simbólicas, estimulando o encontro e a interação entre os usuários. A implantação valoriza a vigilância natural, evitando áreas isoladas e promovendo segurança de forma não opressiva. Os ambientes foram pensados para atender a diferentes perfis, incorporando princípios de equidade, acessibilidade universal e acolhimento. O paisagismo atua como elemento estruturador do projeto, contribuindo para o equilíbrio emocional e oferecendo espaços de pausa e respiro no cotidiano escolar. A integração entre áreas internas e externas reforça a sensação de pertencimento e conexão com o ambiente. Inspirado nos princípios de continuidade espacial de João Batista Vilanova Artigas, projeto entende a escola como um espaço de formação humana, em que o ambiente construído atua ativamente na promoção de relações mais saudáveis, contribuindo para a redução de práticas de exclusão e bullying.

Revista Amazônia Jovem

A criança queer e o bullying

Qual é o garoto afeminado – principalmente na escola – que nunca tenha escutado estes xingamentos: viado, bicha, boiola, fresco, baitola, entre tantos outros? Sherry Wolf (2021) defende que não existe forma mais eficaz para machucar do que esses xingamentos, que atentam contra a masculinidade dos meninos.

Os garotos afeminados são obviamente aqueles que mais sofrem, pois o jeito de ser, que não conseguem dissimular, denuncia de imediato a homossexualidade, porém isso não significa que os meninos gays não afeminados, aqueles que têm passabilidade, não sofram, pois são obrigados a esconder o desejo que sentem por pessoas do mesmo gênero. Manter-se no armário, portanto, demonstra que um garoto gay, mesmo não sendo afeminado, não pode ser quem é por inteiro. Uma parte de si – aquela que envolve a sexualidade – precisa permanecer oculta para que possa ser aceito na escola, na família, na igreja e no trabalho.

Alan Flor



ALAN FLOR formou-se em Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará, por onde também concluiu o Mestrado e o Doutorado em Letras: Teoria Literária. Atualmente, é professor efetivo de Língua Portuguesa da Secretaria Municipal de Educação de Belém do Pará. É membro do Conselho Editorial da Aludel Editora.

Em Heartstopper (2022), série da Netflix, o protagonista Charlie Spring sofre bullying em inúmeras ocasiões por ser o primeiro garoto na escola onde estuda a se identificar como homossexual. Nessa mesma série, a personagem Tara Jones também passa por uma situação semelhante depois de se identificar como lésbica quando revela numa rede social o namoro com a colega de classe Darcy Olsson. Em Aristóteles e Dante mergulham nas águas profundas (2021), romance de Benjamin Alire Sáenz, o protagonista Aristóteles Mendoza meteu-se numa briga no segundo dia de aula para defender um colega de turma chamado Rico. Este aluno, por apresentar um jeito afeminado, estava sendo alvo de violências verbais e físicas provenientes de um grupo de cinco garotos valentões. Em Monster (2023), filme japonês dirigido por Hirokazu Koreeda, Minato e Yori são dois adolescentes que, em razão do bullying a rodeá-los na escola que frequentam, têm dificuldades de lidar com a descoberta do primeiro amor e com o sentimento que nutrem um pelo outro. Como podemos perceber, não são poucos os exemplos de ficções – telenovelas, filmes, séries, romances, mangás, músicas, entre tantos outros – que revelam as violências que alunos LGBTQIAPN+ sofrem na escola. Da ficção para a vida real, ainda não houve, infelizmente, mudanças significativas de configuração: alunos LGBTQIAPN+ – não apenas no Brasil, como também em diversas outras partes do mundo – continuam sofrendo com a imposição perversa de normas de gênero e sexualidade. Nesse sentido, tanto na ficção quanto na realidade, a escola sempre foi e continua sendo ainda hoje um lugar de inúmeras violências – principalmente verbais, físicas, psicológicas e morais – contra aqueles que são dissidentes de gênero e orientação afetivo-sexual. Sobre esse tema, Guilherme Pinto (2019, p. 123) tece uma consideração bastante precisa e pontual sobre meninos gays: “você é o primeiro palavrão que aprende”.

Revista Amazônia Jovem

A criança queer e o bullying

Além dos palavrões vociferados com tons variados de desdém e maldade, há outras violências pelas quais um menino gay, infelizmente, é obrigado a passar. Marcelo Cosme (2021, p. 47), por sua vez, afirma que “[o]s primeiros ataques, as primeiras piadas, as violências, a exclusão, o sofrimento... começam na escola”. Enquanto, de um lado, existem no ambiente escolar aqueles que ofendem, debocham, riem, implicam e excluem, existem, do outro, aqueles que são vítimas de diversas formas de bullying única e exclusivamente por não se enquadrarem nos padrões de gênero e sexualidade socialmente aceitos. Em meio a um leque de abusos que um menino gay é obrigado a sofrer, Marcelo Cosme (2021, p. 48) enumera alguns: “[s]ão os apelidos maldosos, o deboche no jeito de falar ou andar, as ofensas, as ameaças que logo se materializam. O próximo passo são chutes, tapas, empurrões, humilhações e até agressões”.

Quando relata algumas agressões que por ser gay sofria na escola, Marcelo Cosme narra que inúmeras vezes apanhava de colegas, recebia xingamentos vários e era vítima de deboche. Como era um menino franzino, não tinha condições para enfrentar os meninos valentões e, por essa razão, apenas se escondia, pois tinha medo de apanhar. Além disso, conta que se sentia solitário e sem forças para lutar, visto que ninguém o defendia.

Assim como Marcelo Cosme, Paul B. Preciado, filósofo transgênero não binário, narra que aos sete anos no colégio de freiras em que estudava havia sido solicitado aos alunos que desenhassem a família que pretendiam ter no futuro. Em razão dessa atividade, Beatriz – como se chamava na época – desenhou-se casada com a melhor amiga, Marta, com três filhos e vários cães e gatos: “[t]inha desenhado minha própria utopia sexual, na qual reinavam o amor livre, a procriação coletivizada, e na qual os animais gozavam de estatuto político humano” (PRECIADO, 2020, p. 72).

Depois de alguns dias, o colégio havia enviado uma carta aos pais de Preciado em que os aconselhavam a levar a filha ao psiquiatra “para cortar o quanto antes um problema de identificação sexual”. Desse momento em diante, Preciado, ainda criança, solitário e sem qualquer forma de amparo, teve de lidar com as visitas ao psiquiatra, com o desprezo do pai, com a vergonha e a culpa da mãe e com as inúmeras formas de violências de que passara a ser vítima na escola.

Assim como Marcelo Cosme e Paul B. Preciado, fui vítima de inúmeras violências verbais, morais, psicológicas e físicas quando criança e adolescente na escola. Não há, por exemplo, xingamentos para garotos gays que não tenham sido dirigidos a mim, e nem sempre meus professores intervinham para me ajudar. A escola, que em tese deveria ter sido para mim um espaço acolhedor, foi na maioria das vezes na prática um lugar aterrorizante. Eis a razão pela qual faço questão de afirmar em sala de aula que sou um professor gay. Não para me colocar como um exemplo a ser seguido, mas para mostrar aos meus alunos, sobretudo àqueles que não se enquadram dentro de um padrão cisheteronormativo, que pessoas queers existem e estão ocupando todos os espaços. O bullying contra crianças e adolescentes queers pode gerar impactos nefastos, pois pode afetar a saúde mental, o desempenho escolar e a integridade física das vítimas. Pessoas LGBTQIAPN+, por exemplo, podem desenvolver diversos transtornos psicológicos. Ansiedade, depressão, síndrome do pânico e baixa autoestima são os mais frequentes, muitas vezes agravados pela falta de ajuda. Além disso, são muito mais propensas a provocar automutilações e são muito mais suscetíveis a idealizar, a tentar e até mesmo a cometer suicídio. Crianças e adolescentes queers vítimas de bullying também tendem a gerar um sentimento de não pertencimento e, por essa razão, buscam o isolamento e são acometidos pela vergonha, principalmente quando não possuem uma rede de apoio e internalizam que são culpados pelas mais perversas formas de violência que sofrem.

Revista Amazônia Jovem

A criança queer e o bullying

Além dos impactos mentais e emocionais, a vida estudantil da criança e do adolescente queer é drasticamente afetada. A frequência de episódios de preconceito prejudica o processo de aprendizagem do aluno e contribui para uma queda no desempenho acadêmico. Vítimas de bullying costumam faltar às aulas para evitar a discriminação. A insegurança e as agressões também levam a uma alta taxa de evasão escolar, principalmente em se tratando de pessoas transgênero e travestis.

Essas agressões na infância e na juventude não apenas apresentam impacto imediato na vida do indivíduo, como também a longo prazo. As feridas emocionais não curadas em razão das práticas de bullying podem acarretar dificuldades em estabelecer relacionamentos futuros, vergonha do próprio corpo e problemas para se posicionar afetivamente.

Para que crianças e adolescentes queer não sofram mais bullying não apenas na escola, como também dentro de casa e em qualquer outro lugar, Daniel Borrillo (2015) apresenta algumas possibilidades.[1] A primeira tarefa pedagógica, segundo o autor, seria questionar a cisheteronormatividade e enfatizar que não faz sentido estabelecer hierarquia entre identidades de gênero e identidades sexuais. O primeiro passo consistiria em denunciar o conjunto de códigos culturais e de estruturas sociais que, quando são transmitidos, fortalecem a discriminação contra lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros, além de outras identidades de gênero e outras identidades sexuais. Cabe, em primeiro lugar, conscientizar as famílias para que os pais possam compreender que um filho queer não constitui um problema nem sequer um fardo. Essa medida torna-se necessária porque a rejeição ou a não aceitação dos filhos pelos pais em decorrência da identidade de gênero e/ou da orientação afetivo-sexual é a principal fonte de angústia a atravessar crianças e adolescentes queers.

Famílias precisam compreender que estão deixando de amar um filho LGBTQIAPN+ em razão de normas de gênero e sexualidade impostas que aprenderam por meio de um sistema educativo e social perverso que castigava qualquer forma de dissidência com ameaça, intimidação e morte. A escola, por sua vez, apresenta um papel capital na luta contra a intolerância. Enquanto instituição formal de ensino, precisa levar a compreender que o reconhecimento entre lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros é uma questão que deveria atravessar a todos, uma vez que a desigualdade em decorrência da identidade de gênero e da identidade sexual fere os princípios mais básicos da democracia. Um país verdadeiramente democrático não se sustenta em desigualdades e, por essa razão, é dever de todos lutar contra qualquer forma de preconceito e discriminação. Crianças e adolescentes queers, portanto, não devem sofrer nenhuma forma de violência por não se encaixarem em padrões cisheteronormativos e precisam ter assegurado o direito de expressar livremente a identidade de gênero e/ou a sexualidade com a qual se identificam.

[1] Mesmo que Daniel Borrillo (2015) discuta apenas a homofobia, podemos ampliar as estratégias elencadas pelo autor para outros membros da comunidade LGBTQIAPN+.

REFERÊNCIAS

- BORRILLO, Daniel. Homofobia: história e crítica de um preconceito. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- COSME, Marcelo. Talvez você seja: desconstruindo a LGBTofobia que você nem sabe que tem. São Paulo: Planeta, 2021.
- PINTTO, Guilherme. Sejam bem viados. In: ----- O óbvio também precisa ser dito. 3. ed. São Paulo: Planeta, 2019.
- PRECIADO, Paul B. Quem defende a criança queer? In: ----- Um apartamento em urano: crônicas da travessia. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- WOLF, Sherry. Sexualidade e socialismo: história, política e teoria da libertação LGBT. São Paulo: Autonomia, 2021.

Revista Amazônia Jovem

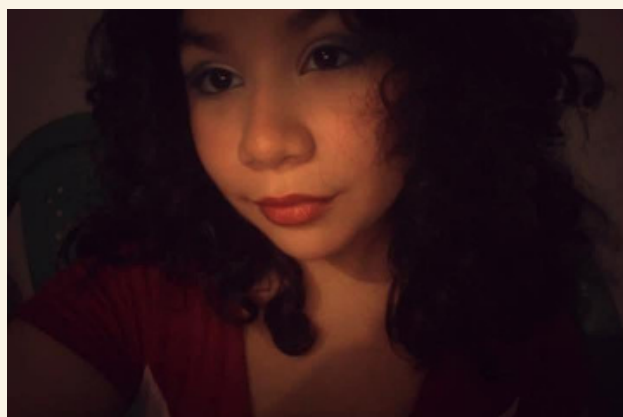
O que é o bullying e como combatê-lo?

O bullying é um ato de violência e é praticado de forma proposital, com a intenção de humilhar, intimidar ou difamar a pessoa. E ele pode acontecer por meio de várias formas, como xingamentos, exclusão, humilhações, agressões físicas ou até pela internet (cyberbullying).

O bullying pode causar consequências extremamente graves, como depressão, ansiedade, baixa autoestima e até isolamento social. E geralmente quem sofre bullying sente medo ou vergonha de denunciar ou receio de que a situação piore. E também, quem pratica o bullying geralmente age movido por uma necessidade de aprovação e de afirmar superioridade sobre outra pessoa, utilizando a humilhação como forma de se sentir mais "forte" diante de um grupo de amigos, e também muitas vezes essa atitude está ligada a inseguranças pessoais, conflitos emocionais e baixa autoestima.

Para combater o bullying, as escolas poderiam promover conversas, fazer palestras e campanhas. E, além disso, os alunos ajudarem apoiando quem sofre o bullying e não incentivando os agressores. Devemos manter a empatia e o respeito por todos e valorizar as diferenças de cada um.

**Ana Clara Tavares
Cavalcante Soares**



Ana Clara estuda na Escola República de Portugal, no bairro da Marambaia, em Belém do Pará. Ela ama ler, escrever poesias, ouvir MPB e qualquer coisa relacionada a cinema. Seu maior sonho é se tornar médica e uma grande escritora.

Revista Amazônia Jovem

O que se entende sobre bullying

Ana Sophia dos Santos Santiago



Ana Sophia dos Santos Santiago é estudante do Ensino Fundamental na escola Municipal República de Portugal, no bairro da Marambai em Belém do Pará. É uma menina dedicada, criativa, animada e leal, com sonho de ser escritora e cursar moda.

O bullying é uma forma de intimidar e atacar uma pessoa mais vulnerável; ela pode ser atacada por seu jeito de se vestir, seu jeito de se comportar, seus gostos e até estilo de vida. O bullying pode acontecer verbalmente, por meio de piadas, apelidos e xingamentos, ou fisicamente, por meio de socos, chutes, tapas ou beliscões. Ele pode ser praticado por uma ou mais pessoas contra uma pessoa menor ou mais frágil que elas.

O bullying pode aparecer na escola, trabalho ou faculdade, sendo mais comum na escola. Ele pode aparecer por meio de piadas "inocentes" sobre aparência ou estilo, apelidos ou brincadeiras maldosas, normalmente disfarçado de amizade, sempre convencendo a vítima ou ameaçando-a a não comentar nada de agressão, dizendo coisas como "somos amigos" ou "você não faria isso, né?". Tais palavras manipuladoras ou intimidadoras.

Para combater, sendo vítima, é denunciando ao responsável, professor ou um profissional de saúde. Nunca reagir ao bullying xingando ou agredindo de volta a pessoa que está praticando o bullying, isso pode causar mais raiva e piorar. E, se vir ou conhecer alguém que sofra bullying, denunciar imediatamente, apoiar a vítima sempre, nunca se meter se estiver presenciando e, sim, chamar algum responsável para ajudar. Nunca esconder que tal coisa está ocorrendo, nunca aceitar ser vítima do bullying, sempre informar alguém se isso acontecer.

Revista Amazônia Jovem

O Bullying e suas características

O bullying é o ato de intimidar ou humilhar uma pessoa ou um grupo de pessoas. O bullying geralmente mira causas como: roupas, sexualidade, religião, entre outras, de uma pessoa ou um grupo de pessoas.

Geralmente as pessoas que praticam o bullying miram pessoas mais vulneráveis, mais fracas ou até mesmo pessoas com alguma deficiência, seja física ou mental.

As pessoas que praticam o bullying geralmente fazem isso porque alguma coisa aconteceu na vida dessas pessoas, alguma coisa de ruim, e aí elas querem descontar isso em outras pessoas, ou a pessoa se sente tão insegura consigo mesma que precisa praticar bullying para se sentir melhor, ou porque a pessoa simplesmente quer atenção. Geralmente também muitas pessoas fazem bullying sem nem perceber ou só vão na onda dos outros.

O bullying tem vários tipos de bullying, como o cyberbullying, e as pessoas que praticam e sofrem bullying geralmente possuem algumas características em comum umas com as outras. Por exemplo, as pessoas que praticam o bullying costumam ser arrogantes, manipuladoras etc. Já os que sofrem bullying costumam ser mais tímidos, quietos e reservados, etc.

Para acabar com o bullying, é importante orientação adequada, por exemplo, os pais orientarem que bullying é ruim, prejudica os outros e o bullying é crime. E também oferecer ajuda às vítimas do bullying.

Andrew Augusto Leão dos Santos



Andrew Augusto Lobo dos Santos é aluno do 9º ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal República de Portugal, no bairro da Marambaia, em Belém do Pará. Ele é um garoto tranquilo que gosta de jogar vídeo game e passar o seu tempo com a família.

Revista Amazônia Jovem

O Bullying no cotidiano

**Carla Christina Saraiva
Farias**



Carla Christina é estudante da Escola Municipal República de Portugal, no bairro da Marambaia, em Belém do Pará. Ela é apaixonada por arte, escrita e tudo que carrega sentimentos, observadora, sonhadora e acredita que as melhores histórias estão nos detalhes.

O bullying é um comportamento repetitivo que envolve uma vítima e um agressor; em certos casos, a quantidade de agressores é maior que a quantidade de vítimas. Ele é um conjunto de práticas que tem em comum a opressão e o constrangimento da vítima.

O bullying pode ser dividido em três partes, sendo elas o bullying físico: é usado quando o agressor usa partes de seu corpo para machucar a vítima, com chutes, socos, tapas, beliscões. Em casos mais graves, o agressor usa objetos pontiagudos para ferir a vítima. Há também o bullying verbal: neste, o agressor opta pelo uso da fala, usando palavras ofensivas para que a vítima se sinta constrangida e envergonhada com suas características e personalidade. Em casos mais graves, essas ofensas podem levar a vítima à depressão.

Além do bullying físico e verbal, também há o cyberbullying: neste, aquele que pratica o bullying faz uso das redes sociais para praticar tal ato. Eles esperam que a vítima poste fotos e vídeos dela para poder zoar.

"Bullying" é um assunto visto com diferentes perspectivas, mas não deixa de ser algo que deve ser combatido, e, apesar disso, não é fácil ver esse combate. Se ele for constante, policiais devem ser acionados pela vítima, ou se ele não for resolvido por coordenadores e responsáveis.

Revista Amazônia Jovem

Bullying: entender para combater

O bullying é uma prática perigosamente comum nos dias atuais, sendo até considerado um crime cometer tal ato. O bullying é o simples ato de diminuir/intimidar alguém, sendo relativamente fácil de ser identificado.

O bullying acontece quando há intenção de ferir, intimidar ou atacar emocionalmente uma pessoa, por meio de agressões, apelidos ou até xingamentos, causando insegurança e podendo até levar à exclusão social em casos mais extremos.

A maior parte do tempo, o bullying ocorre no trabalho, escola ou ambiente onde se vive, a maioria das vezes na escola, seja por aparência, raça ou até por modo de falar, criando apelidos e rumores, transformando o ambiente em um lugar onde o medo e a insegurança predominam.

No entanto, há diversas formas de combater o bullying, não necessariamente precisando de um confronto direto. Como vítima, é contar para um adulto de confiança e, se possível, se afastar do agressor.

Como cidadão, é apoiar a vítima e, se possível, conversar, dar atenção ao afetado e apoio moral a ele, e localizar o bullying no ambiente para evitar e distanciar o bullying.

Evan Rafael de Souza Dias



Evan Rafael é um adolescente de 14 anos que gosta de correr, brincar e jogar futebol. Ele decidiu abraçar a oportunidade de publicar os seus textos, por meio da Editora Aludel, por considerar o assunto do bullying muito importante.

Revista Amazônia Jovem

O Bullying e suas fases

Giovanna Paixão Farias



Giovanna Paixão Farias tem 14 anos e é estudante do Ensino Fundamental, na Escola Municipal República de Portugal, no bairro da Marambaia, em Belém do Pará. Ela ama ler e escrever, ouvir MPB, rock, pop e rap. Adora diferentes tipos de cultura e subculturas, de política e livros que contam fatos históricos. É apaixonada por culinária, moda, estilos alternativos, tais como o gótico, scene, emo, gyaru. Seu maior sonho é se tornar uma escritora e advogada.

Atualmente, o bullying vem se tornando cada vez mais grave, com diferentes tipos de agressão e fases. Tudo começa com um empurrão, com uma fofoca, com exclusão e, às vezes, se intensifica, com ameaças, xingamentos, agressões. Os "valentões" cometem bullying porque se sentem inferiores e querem compensar isso causando dor aos outros ou são influenciados por amizades.

Em "The Owl House", temos dois exemplos disso: a protagonista Luz sofria bullying por meio de ofensas e exclusão por ser diferente; já Willow sofria bullying de sua amiga, Amity, que fazia bullying por influência e pressões de suas amigas. As consequências dessas ações foram que ambas se tornaram inseguras e não acreditaram no próprio potencial; por isso, é importante palestras de conscientização e os pais ensinarem os filhos sobre o certo e o errado, pois bullying não é brincadeira.

Revista Amazônia Jovem

A dor invisível

Voices que ecoam nas quatro paredes, palavras que ferem, mas que os olhos que observam não observam o que a alma sente. A dor de um bullying só é reconhecida quando algo não mais suportável acontece, mas ainda assim há um grito que permanece.

O bullying, além de ser algo perturbador, é um crime. E nos perguntamos o porquê disso.

E por que as pessoas acham que o sufocamento de uma pessoa se torna algo engraçado e continuam cometendo esse erro? E, sinceramente, essas pessoas também sentem, mas, em vez de falar o que acontece, preferem atacar para, de certa forma, se sentir contentes. E não, não estou defendendo quem comete esse erro, até porque o bullying não é uma brincadeira, não é motivo para rir. Ele fere a alma de quem só queria existir.

Heloisa Silva Nogueira



Heloisa Silva Nogueira estuda no Ensino Fundamental, na Escola Municipal República de Portugal, no bairro da Marambaia, em Belém do Pará. Ela tem 14 anos e gosta de dança contemporânea. Escuta mpb, treina Muay Thai e, futuramente, pretende se tornar fuzileira naval.

Revista Amazônia Jovem

O que é o Bullying?

Isaac Willian de Carvalho Quaresma



Isaac Willian de Carvalho Quaresma tem 14 anos e estuda no Ensino Fundamental, na Escola Municipal República de Portugal, no bairro da Marambaia, em Belém do Pará. Gosta de ouvir música e jogar futebol no seu tempo livre. Essas são as atividades que mais fazem parte da sua rotina.

O bullying é um tipo de comportamento agressivo que acontece quando uma pessoa machuca outra de forma repetida, seja com palavras, atitudes ou até fisicamente. Isso pode acontecer na escola, na internet ou em outros lugares do dia a dia. Geralmente, quem pratica o bullying quer se sentir superior ou mais forte que a outra pessoa. Mas, na verdade, isso só causa sofrimento e tristeza em quem sofre.

O bullying pode acontecer por meio de apelidos, xingamentos, exclusão ou até ameaças. Muitas vezes, a vítima se sente sozinha e com medo de contar para alguém. Isso pode afetar a autoestima e até o rendimento escolar da pessoa. Se a gente presencia uma situação de bullying, não deve ficar calado. O certo é procurar ajuda de um adulto ou responsável. Assim, podemos ajudar a diminuir esse problema. No fim, combater o bullying é responsabilidade de todos nós.

Revista Amazônia Jovem

Entendendo o Bullying: da escola ao ambiente digital

O bullying é um tipo de violência física ou psicológica que acontece, na maioria das vezes, nas escolas, pelos "valentões" que querem ser os maiores para intimidar os outros, na maioria das vezes os novatos, que não conhecem praticamente ninguém e não conseguem se defender. O bullying acontece de forma repetida nos ambientes escolares; quem faz bullying tem o objetivo de humilhar, machucar e intimidar quem sofre. O bullying tem vários tipos, sendo eles: físico, verbal, psicológico e cyberbullying.

O bullying físico é dar empurrões, socos, chutes; na contextualização, são agressões. O bullying verbal são os xingamentos e apelidos. O bullying psicológico tem como objetivo principal excluir e humilhar, fazer manipulações e por aí vai. O cyberbullying é o bullying na internet, com comentários ofensivos, xingamentos, entre outros.

O bullying tem consequências também, sendo elas a baixa autoestima, tristeza profunda, ansiedade, isolamento social e dificuldades na escola. Quem sofre bullying não acredita nela mesma, não se acha bonita, não presta atenção na aula direito, não se alimenta bem e acaba em uma tristeza profunda.

Em alguns casos mais sérios, pessoas tiram a própria vida, o que era para ser uma brincadeira acaba virando um crime. Existem formas de combater o bullying: você denuncia para um responsável, respeita as diferenças, apoia quem é vítima do bullying e não faz e nem incentiva outras pessoas a fazerem. O bullying é um caso bem sério; muitos jovens já tiraram a própria vida por conta do bullying. O bullying não ocorre só na escola, ocorre também no seu trabalho e no dia a dia. Não faça bullying e denuncie quando avistar este crime.

Kayke Gabriel Gomes de Souza Pereira



Kayke Gabriel Gomes de Souza Pereira é aluno da Escola Municipal República de Portugal, no bairro da Marambaia, em Belém do Pará. É um garoto com muito interesse em astronomia e ciência. Ele adora fazer academia e jogar futebol.

Revista Amazônia Jovem

Bullying: identificar para denunciar

Ketleen Nayane Almeida



Ketleen Nayane Almeida Tenório é estudante do Ensino Fundamental na Escola Municipal República de Portugal, no bairro da Marambaia, em Belém do Pará. É uma menina risonha, cheia de sonhos e objetivos. Ama ouvir músicas e compartilhar momentos bons com as pessoas que ama.

O bullying é o ato ofensivo com o intuito de intimidar, constranger e abalar emocionalmente. Ele tem diferentes formas, sendo elas o verbal, o físico e o cyberbullying. O bullying verbal é as falas ofensivas que são direcionadas à vítima; o físico é a agressão, como um soco, um puxão de cabelo e até mesmo um empurrão; e o cyberbullying é o bullying virtual, como comentários desnecessários sobre você na internet, por exemplo.

Geralmente, nos lugares, escolas, trabalhos e até mesmo nas ruas, o bullying é o verbal, e nem sempre é direto. O bullying pode ser feito de forma indireta, como, por exemplo, a difamação, que é o ato de falar mal de uma pessoa, inventar mentiras sobre ela, fazendo com que as pessoas tenham uma imagem falsa da vítima.

O bullying tem formas de ser evitado? Sim, por meio de denúncias, sendo essa a melhor forma, independentemente do lugar.

O bullying é algo sério, que infelizmente acaba interrompendo muitas vidas.

Revista Amazônia Jovem

Identidade e Resistência: o racismo sob a ótica de uma jovem brasileira

O bullying é um crime. Isso é clichê de se dizer, mas não muda o fato de que foi uma lei dada pelo Luís Inácio, presidente do Brasil. Entretanto, não é levada tão a sério. Eu suponho que a superficialidade situando o fato de as pessoas sempre terem o trabalho de fazer cartazes, slides etc. Quando exposto, julgam o do próximo. Hipócrita, não é mesmo? Isso é um simples ato do início de um criminoso; pode se iniciar como um simples comentário a um ato não verbal. Não sabemos uma idade etária certa de agressores; pode vir de uma criança a um idoso. O bullying foi normalizado, a sociedade aceitou ser ofendida e ofender, algo que moralmente era para ser algo obviamente imoral.

EU, como uma jovem adolescente negra com descendência indígena, tenho uma mera opinião: o bullying pelo racismo junta dois preconceitos, que são crimes. Por favor, não seja um ignorante, saiba da sua história como brasileiro, olhe para trás, para os nossos ancestrais, não se sinta superior por ser de uma raça diferente.

O que importa se você é branco e eu? Afinal, branco no Brasil é difícil. Somos mestiços; o Brasil não era Portugal. Somos um país multirracial; tinha índio, branco e preto. Nascemos da mistura, então, por que o preconceito? Faça como diz o compositor Gabriel, o Pensador: "Racismo é burrice, faça uma lavagem cerebral".

***Lucianna Laranjeira
Santos***



Lucianna Laranjeira Santos tem 14 anos e é estudante da Escola Municipal República de Portugal, no bairro da Marambaia, em Belém do Pará. Ela gosta de aprender coisas novas, de compartilhar momentos com os seus amigos sendo sempre positiva, alegre, escutando música e fazendo exercícios físicos.

Revista Amazônia Jovem

Até quando vão romantizar isso?

Maria Vitória de Lima Soares



Maria Vitória tem 14 anos, é estudante do 9º ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal República de Portugal, no bairro da Marambaia, em Belém do Pará. Em seu tempo livre, gosta de ler, ouvir música e pintar.

O bullying só acontece na escola? Como posso identificar o bullying? Em que momento a brincadeira passa a ser bullying? Essas são algumas das perguntas que vão ser respondidas agora.

O bullying é uma prática/ação agressora tanto verbal quanto física. Essa ação pode causar até suicídio, e geralmente o bullying começa na escola, mas isso não quer dizer que fora dela não aconteça. Pode acontecer nas redes sociais, em casa e até mesmo na rua.

A "brincadeira" deixa de ser brincadeira a partir do momento em que as frases se tornam ofensivas para quem está ouvindo e pode até partir para a agressão física.

O bullying poderia ser evitado caso cada vítima conseguisse denunciar. Ex: na escola? denúncia, e a diretoria irá fazer algo; caso não faça, tente mudar de escola.

O bullying é algo sério e, muito mais que uma "brincadeira", é algo problemático vindo de pessoas problemáticas.

Revista Amazônia Jovem

Bullying Social

A prática de bullying não é nada mais, nada menos que uma prática ofensiva a outra pessoa. Muitas das vezes, o que não nos deixa ver que estamos sendo alvo de bullying são amizades, na maioria das vezes, como apelidos e comparações que, por conta de virem de amigos, nós pensamos que são brincadeiras, quando deveríamos cobrar limites.

Às vezes nós pensamos que bullying é aquela coisa superficial que dá para ver de cara, quando, na verdade, algumas vezes está na nossa cara ou até mesmo no nosso grupo de amigos, e nós não fazemos nada por não saber identificar.

Isso é uma coisa que devemos aprender: "será que a pessoa se sente confortável com essa brincadeira?" "Eu me sentiria?". Por mais que muitas das vezes nós achamos que certa brincadeira não afeta, pode machucar profundamente. Algumas brincadeiras podem afetar nosso psicológico, talvez até estragando nossas vidas, e isso é inaceitável. O bullying não é "brincadeira", é coisa séria; quando nós ofendemos alguém, essa pessoa não esquece. Isso fica martelando na cabeça dela, cada letra, cada palavra, nunca é esquecido.

Naelly Kleanny



Naelly Kleanny Sarmento da Silva tem 14 anos, estuda o 9º ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal República de Portugal, no bairro da Marambaia, em Belém do Pará. Ela gosta de ler, ouvir música, atuar, dançar, e é uma menina estudiosa.

Revista Amazônia Jovem

Educação e respeito: o caminho para vencer o bullying

***Rikellme Angelo Antunes
Barros***



Rikellme Angelo Antunes Barros é estudante do ensino fundamental do 9º ano, na Escola Municipal República de Portugal, no bairro da Marambaia, em Belém do Pará. Ele cursa Informática, é aluno amador de Edição de vídeos. Os seus hobbies são escutar músicas, editar, praticar esportes e passear para se distrair.

O bullying é um problema que acontece com frequência nas escolas e também nas redes sociais. Este tipo de comportamento envolve agressões físicas ou verbais que machucam outras pessoas e podem causar muitos problemas emocionais nas vítimas. Muitas vezes o bullying aparece disfarçado de brincadeira, mas na verdade provoca sofrimento, tristeza e até medo em quem sofre esse tipo de violência. Esse comportamento geralmente está ligado à intolerância, à falta de respeito e à dificuldade de aceitar as diferenças entre as pessoas.

As consequências do bullying podem ser graves. Muitos estudantes passam a ter baixa autoestima, dificuldade de aprendizagem e até problemas de ansiedade e depressão. Além disso, o isolamento social pode afetar a vida da vítima por muito tempo. Por isso, é importante que as escolas desenvolvam projetos que incentivem o respeito e a convivência saudável entre os alunos. A família também tem um papel importante na orientação dos jovens. Dessa forma, com diálogo, educação e conscientização, é possível combater o bullying e construir um ambiente escolar mais seguro e respeitoso para todos.



Aludel Editora



@aludel_editora



www.aludel.com.br

ISBN: 978-65-83527-39-4



9 786583 527394